



**Nadir Afonso,
o pintor
(que se formou)
arquitecto.
Da paixão
pela pintura
ao ofício
da arquitectura.**

João Cepeda

Portugal. Mestre em Arquitectura, estudou e trabalhou na Suíça (*Laboratoire de Production Architecturale*), em Paris (*Fondation Le Corbusier*) e em Tokyo (Shinichi Ogawa & Associates). Autor do livro “Nadir Afonso, Arquitecto”, foi finalista dos Prémios FAD de Arquitectura 2014 na categoria “Pensamento e Crítica”, e venceu o Prémio Arquitectos Agora 2015 da Ordem dos Arquitectos. Colabora actualmente no atelier do arquitecto Frederico Valsassina, em Lisboa, tendo sempre mantido a combinação da prática profissional com a investigação, escrita e crítica de arquitectura.

Nadir Afonso, um dos mais conhecidos (e reconhecidos) pintores portugueses, dedicou grande parte da sua vida ao exercício da profissão em que (afinal) se formou, a arquitectura, facto que ainda hoje é frequentemente ignorado pelo grande público.

**1946-1960: o período internacional
nos ateliers de Le Corbusier e Oscar Niemeyer
- Paris, Rio de Janeiro e São Paulo**

Após a conclusão dos seus estudos, da passagem de Nadir Afonso pela arquitectura sobressai um riquíssimo e fascinante trajecto pelo estrangeiro, principalmente enquanto colaborador de dois dos mais influentes mestres do Movimento Moderno: em Paris, do arquitecto Le Corbusier, no ATBAT (1946-48 e 1950-51), de quem ficou grande amigo, e no Rio de Janeiro e em São Paulo, do arquitecto Oscar Niemeyer (1951-54). Nestes ateliers teve a oportunidade de participar em projectos marcantes da história da arquitectura moderna do século XX, como a Unidade de Habitação de Marselha (1945-52), a Fábrica "*Claude et Duval*" de Saint-Dié (1946-51), ou o projecto para a Exposição Comemorativa do IV Centenário da cidade de São Paulo no Parque de Ibirapuera (1951-54), entre outros. Destaca-se ainda a sua participação na equipa de investigações finais do "Modulor" de Le Corbusier – um sistema de medidas e proporções que procurava a harmonia nas composições arquitectónicas – que, tendo-lhe propiciado uma enorme proximidade com uma das suas grandes paixões, a geometria, lhe terá desenvolvido uma perícia assinalável no manuseamento das proporções e relações das figuras geométricas.

Mais tarde, novamente em Paris, salienta-se ainda a colaboração no atelier dos seus antigos colegas e amigos do ATBAT, os arquitectos Georges Candilis, Alexis Josic e Shadrach Woods (1954-60), trabalhando nessa altura, fundamentalmente, em vários projectos urbanísticos: planos de urbanização de Bagnols-sur-Cèze (1956-61), de Balata (1959) e de Agadir (1963).

Será de realçar, ainda, ao longo desta fase, o seu contacto com as mais variadas personalidades internacionais, muitas da esfera da arquitectura – como Roberto Burle Marx, Hélio Uchoa e Lúcio Costa –, mas principalmente da arte – entre os quais Victor Vasarely, Richard Mortensen, Auguste Herbin, André Bloc, Cândido Portinari, Di

Cavalcanti, Dewasne, Edgard Pillet e Fernand Léger –, com algumas das quais chegou mesmo a trabalhar, o que lhe granjeou, certamente, uma riqueza complementar para a sua futura evolução artística.

Embora Nadir Afonso invoque a pintura como a principal motivação para este seu percurso pelo mundo, a verdade é que não terá sido por acaso que escolheu colaborar, primeiro, com Le Corbusier, e depois, com Oscar Niemeyer. De facto, Corbusier era o mais importante arquitecto do Movimento Moderno, sendo muitíssimo influente em Portugal e, obviamente, no Porto. Também Niemeyer e a moderna e expressionista arquitectura brasileira eram já largamente admirados no nosso país. Por isso, não se estranha que, experimentando o que muitos apenas ambicionariam, Nadir Afonso tenha trabalhado para os arquitectos que estavam culturalmente mais próximos da formação de uma consciência moderna por parte dos arquitectos portugueses, o que, aliás, foi já realçado por Michel Toussaint¹. Como tal, este período fora de portas ter-se-á tratado de um trajecto enquanto arquitecto que, de alguma forma, foi intencional e interessado.

/

Fig. 1 - Nadir Afonso (à direita) e Teodoro Ponce de León no atelier ATBAT de Le Corbusier, em Paris.

¹ Michel Toussaint, “Nadir Afonso e a Arquitectura”, *Nadir Afonso Sem Limites* [catálogo da exposição], Lisboa, MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea Museu do Chiado, 2010, páginas 29-38.



Fig. 2 - Nadir Afonso no atelier ATBAT em Paris, desenhando Le Corbusier à escala do Modulor, no dia de aniversário do arquitecto suíço.

Assim, apesar de sempre ter vivido numa ambivalência vocacional e profissional traduzida na sua laboração de arquitecto e pintor, toda esta longa etapa internacional foi determinante no seu percurso arquitectónico, pelo contacto directo com figuras principais do Movimento Moderno, pela “aprendizagem” e influências que delas recebeu, e pela projecção que, como arquitecto, pôde, dessa forma, alcançar.



Fig. 3 - Da esquerda para a direita: Olek Kujawsky, Iánnis Xenákis e Nadir Afonso (com as suas esposas), no “*chantier*” da Unité d’habitation de Marseille, 1950.

1960-1970: o exercício autónomo da arquitectura no seu atelier – Chaves e Coimbra

Em Portugal, Nadir Afonso trabalhou em arquitectura por curtos períodos, em Lisboa (1945, com Fernando Silva), no Porto (1950, com Fernando Távora, Fernando Lanhas e Fernando Moura), em Coimbra (1960-1962, com Carlos de Almeida) e, finalmente, acabou por estabelecer o seu atelier próprio em Chaves, a sua terra natal. Aqui iniciou, a partir de 1960, o seu percurso como arquitecto em plena autonomia, num meio pequeno e que apenas lhe proporcionou encomendas e clientes bastante modestos, certamente diferentes dos grandes centros urbanos e ateliers por onde passara e onde, a ter permanecido, poderia ter dado um outro seguimento e outra tradução à experiência aí alcançada. No entanto, Trás-os-

Montes – e particularmente Chaves – ficou assim indelevelmente marcada pela presença deste pintor-arquitecto que aqui concentrou grande parte das suas realizações, especialmente na primeira metade dos anos 60.

Porém, e independentemente dos contextos, na vida de Nadir Afonso o exercício da arquitectura emergiu apenas como recurso indispensável para a sua subsistência económica e nunca como verdadeira paixão – essa foi sempre a pintura, actividade de que nunca prescindiu.

Como tal, a sua obra arquitectónica foi surgindo de uma forma um pouco descontínua, revelando, no entanto, uma modernidade explícita que manifesta nitidamente as influências modernas que estiveram tão presentes em determinada fase da sua vida.

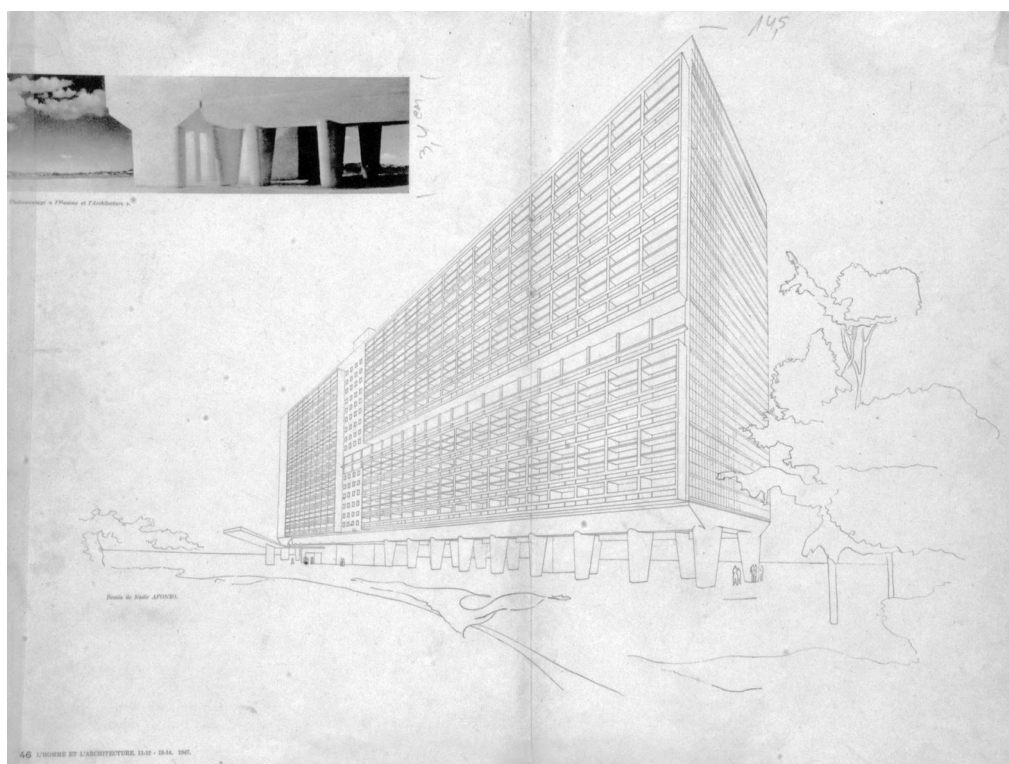


Fig. 4 - Perspectiva da Unité d'habitation de Marseille, desenhada por Nadir Afonso, e publicada na revista *"L'Homme et l'Architecture"*, 1947.



Fig 5 - Nadir Afonso no Rio de Janeiro, 1952.

***O desafio de uma obra pessoal:
a presença marcante de influências modernas***

De uma forma geral, Nadir Afonso manifestou intuitivamente nos seus projectos uma linguagem marcadamente influenciada por Le Corbusier, sendo também notória, por vezes, a “marca” da moderna arquitectura brasileira, com a qual contactou durante o período em que trabalhou com Oscar Niemeyer no Brasil. As panificadoras de Chaves (1962) e de Vila Real (1965) – obras singulares da arquitectura portuguesa do século XX, bem ilustrativas da linguagem pura e abstracta do Movimento Moderno – patenteiam o cruzamento delicado dessas mesmas referências modernas. Por um lado, um desenho mais rigoroso e ortogonal e, por outro, um mais livre, espontâneo e gestual, presente nas suas coberturas abobadadas. Esta dialéctica curva/recta resulta numa combinação harmoniosa que, pela sua originalidade, assinala uma modernidade espacial e volumétrica singular em Portugal, e demarca claramente o cunho pessoal de Nadir Afonso como arquitecto, e como autor.

O desenho simples que perpassa, de uma forma geral, todos os seus projectos, procurando compor volumetrias mais simples e puras, aliado a uma evidente procura de harmonia e pureza nas proporções, conferem às suas soluções arquitectónicas um desejo de modernidade declarado.

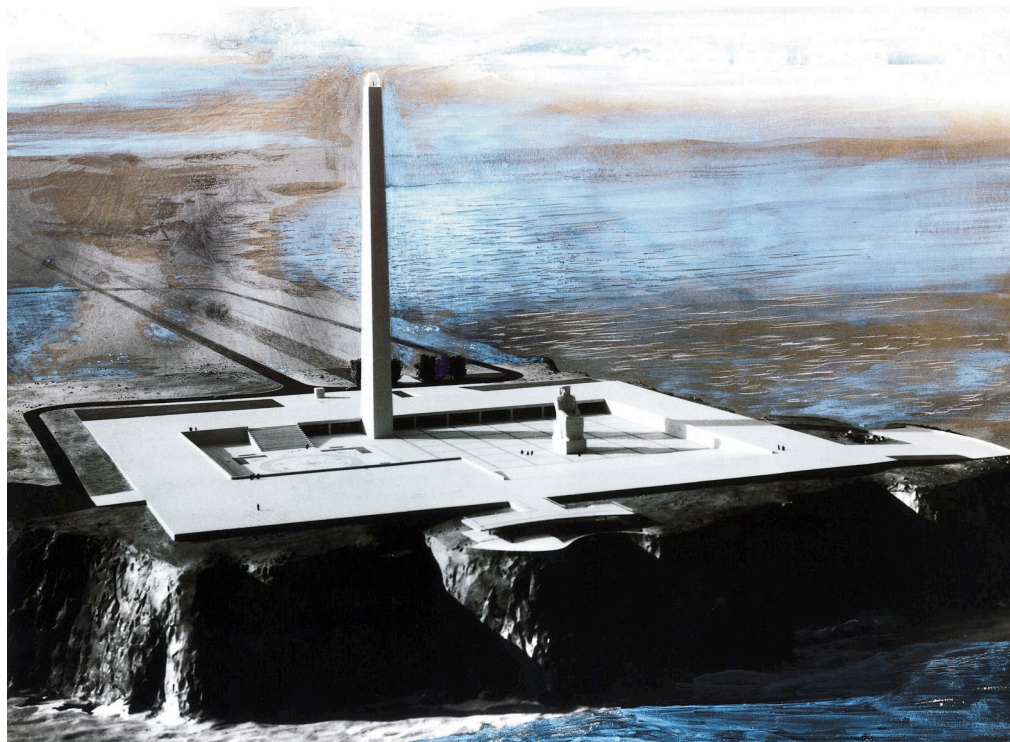


Fig. 6 - Maquete do projecto de Nadir Afonso para o concurso ao Monumento do Infante D. Henrique em Sagres (não construído), 1954-55.

A moradia na Estrada de Outeiro Seco (1961) é um dos casos mais ilustrativos dessa atenção ao cuidado estético na modelação do volume, traduzindo um despojamento geométrico moderno e purista que, no conjunto da obra arquitectónica de Nadir Afonso, será o exemplo que talvez nos remeta mais directamente para o vocabulário “corbusiano”.

De carácter totalmente excepcional no conjunto da sua obra, surge o projecto (não construído) para um teatro “rotativo” (1957), pela sua índole (única na sua obra) utópica, “futurista” e original, associada à transposição, para a arquitectura, do “dinamismo” da arte cinética.

De entre todos os projectos por si realizados (e, em particular, dos mais modernos), é também inevitável destacar um dos seus trabalhos de eleição, para o monumento ao Infante D. Henrique (não construído, 1954-1955), um desenho sóbrio e racional que, frente a frente com o abismo, se integra excepcionalmente na paisagem do promontório de Sagres. A sua planeza e as suas linhas subtis, leves e elegantes, denotam uma modernidade com que nos podemos identificar mesmo nos dias de hoje, sendo, porventura, o projecto mais “actual” do conjunto da sua obra.

Nestes projectos, para além da já referida atenção à proporção e ao rigor formal das relações de conjunto, não raras vezes o arquitecto de Chaves acentua o ritmo das suas construções através de contrastes cromáticos, normalmente numa síntese de duas ou três cores primárias (para além do branco), com especial predominância para o azul e o vermelho. Bem espelhado nas duas panificadoras, na moradia de Outeiro Seco e no pequeno edifício de habitação e comércio na Madalena (1960), este aspecto remete-nos para a moderna paleta de cores “corbusiana”, tão utilizada em muitas das obras-primas desse arquitecto. Porém, neste ponto particular, não deverá ser menosprezada a influência da inerente mentalidade de pintor de Nadir Afonso que, provavelmente, também o poderá ter movido na adição instintiva destes apontamentos de cor.

Este livre tratamento cromático das formas, que procurava completar e enfatizar uma busca de composições arquitectónicas volumetricamente harmoniosas e “melodiosas” entre si, nunca foi, contudo, “coadjuvado” pela utilização de medidas sugeridas pelo “Modulor” de Le Corbusier, sistema que Nadir Afonso pôde acompanhar muito de perto, tanto na equipa de investigações finais do ATBAT como na sua posterior aplicação em vários projectos do arquitecto suíço.

Contudo, se no conjunto da sua obra arquitectónica o desejo de uma expressão moderna é mais evidente, em alguns casos confrontamo-nos com desenhos em que essa feição não é tão declarada, parecendo terem existido concessões a respostas menos radicais. De facto, em alguns projectos arquitectónicos de Nadir Afonso, a sua modernidade presente aparenta não assumir, pelo menos integralmente, um papel principal, parecendo, apesar de tudo, querer demarcar-se de uma arquitectura puramente “comum”.



Fig. 7 - Panificadora em Vila Real, de Nadir Afonso, actualmente abandonada, degradada e vandalizada, 2010.

Em termos volumétricos, todos estes outros exemplos revelam um grau de depuração e simplicidade levemente inferior. Porém, neste conjunto, Nadir Afonso ensaia, invariavelmente, uma modernização complementar do objecto arquitectónico ao nível do exterior, através do recurso sucessivo a diversas estratégias de desenho que aplicou pontualmente, com maior ou menor intensidade, em cada um destes casos. Estas visavam, normalmente, a sugestão de volumes mais simples, puros e leves, a transmissão de uma sensação mais acentuada de horizontalidade e ortogonalidade, a procura de fachadas mais abstractas, e uma corrente tentativa de transmitir a ilusão de remates superiores planos, disfarçando as coberturas em telhado tradicional que, nestes casos, conformam o topo destes edifícios.

Esta diferença notória em relação aos seus trabalhos mais modernos explicar-se-á, principalmente, pelo gradual distanciamento que, em Nadir Afonso, se foi avolumando em relação à sua profissão, motivado pela enorme insatisfação criativa que esta jamais conseguiu colmatar.

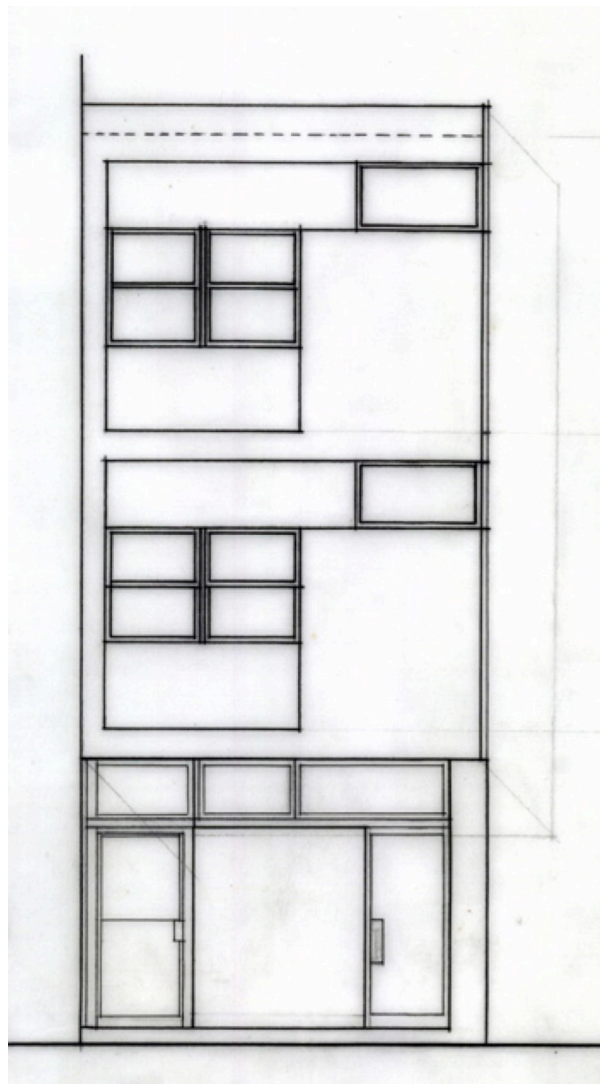


Fig. 8 - Alçado do projecto de Nadir Afonso para o edifício de habitação e comércio na Madalena – Chaves, 1960.

Na verdade, esta interpretação parece ser corroborada por uma análise cronológica de todas as suas obras e projectos, verificando-se que os seus trabalhos mais modernos foram concebidos numa fase mais inicial da sua carreira de arquitecto (até 1962), enquanto que os menos radicais correspondem a um período posterior (até 1964), mais próximo do seu abandono da arquitectura e, portanto, numa época de particular desencanto de Nadir Afonso com o exercício da profissão.

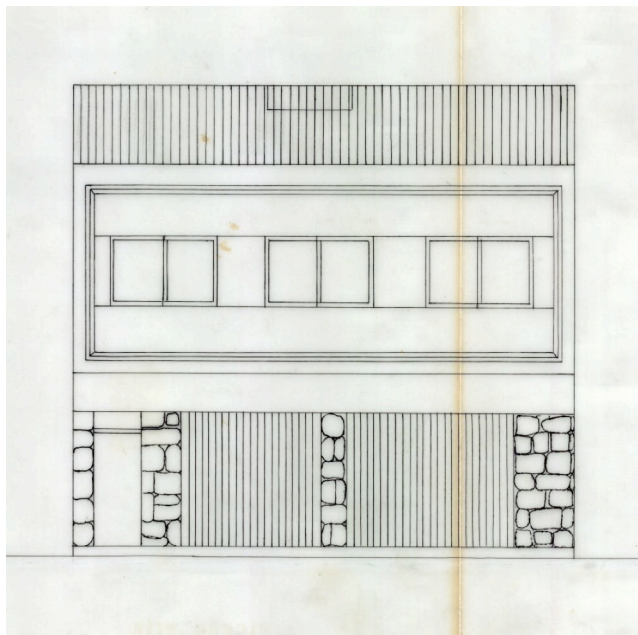


Fig. 8 - Alçado de um projecto de Nadir Afonso para um pequeno edifício residencial em São Roque – Chaves (não construído), 1964.

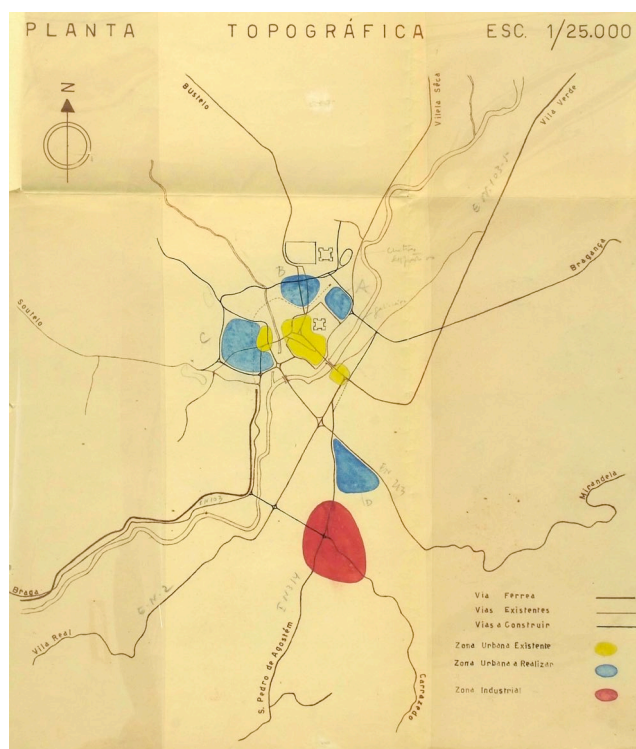


Fig. 10 - Anteplano de urbanização da cidade de Chaves de Nadir Afonso (planta topográfica), 1964.

Esse seu desapego em relação à arquitectura, ainda que exponenciado no final da carreira, é também visível ao longo de toda a sua obra na grande dificuldade em lidar com os clientes, que o levava, por vezes, à decisão radical de abandono de projectos já concluídos – casos do projecto para o Cineteatro de Chaves (1961) e para o antepiano de urbanização dessa mesma cidade.

“A Architectura não é uma Arte”

Do seu percurso como arquitecto (e artista), não se pode também deixar de relevar a importância da forte reflexão teórica que sempre o acompanhou, traduzida em inúmeros estudos que retomam, algumas vezes, as suas concepções sobre arquitectura, as quais, refira-se, já havia defendido na sua tese *“A Architectura não é uma Arte”* (1948), título, aliás, bastante sugestivo e que quase parece pretender legitimar a difícil relação de Nadir Afonso com a arquitectura. Para si, o facto desta se encontrar revestida de uma imprescindível utilidade – desempenhando, obrigatoriamente, uma função prática –, constituía a principal fonte de todas as restrições que cerceavam a sua criatividade, colocando-a, a seu ver, fora do âmbito artístico².

Curiosamente, a teoria de Nadir Afonso encontra bastantes semelhanças com a do arquitecto austro-húngaro Adolf Loos que, tendo também influenciado Le Corbusier nos seus anos de formação e no seu início de carreira, opunha drasticamente a arte à utilidade: *“(…) Enquanto a obra de arte é um assunto do foro privado do artista, o edifício não o é. A obra de arte nasce para o mundo sem haver necessidade disso. O edifício supre uma necessidade. A obra de arte não é responsável por ninguém, a casa é responsável por cada pessoa. (...) Então não será lógico que o edifício não tenha nada a ver com arte e que a arquitectura não faça parte das artes? Assim é.”*³

Todas as premissas assumidas com empenho por Nadir Afonso em relação à arquitectura não ser uma arte, aliadas à complexa interdisciplinaridade desta actividade que obriga a um trabalho de colaboração e não tem uma génese íntima,

² Nadir Afonso, *Les Mécanismes de la Création Artistique*, Neuchâtel, Éditions du Griffon, 1970.

³ Adolf Loos, in August Sarnitz, *Loos*, Köln, Taschen, 2007, página 10.

solitária e individual no artista, terão estado na origem da sua grande insatisfação criativa com a arquitectura. Era, por isso, habitual ouvi-lo referir que nunca gostou de arquitectura e que nunca se sentiu arquitecto⁴. Efectivamente, a propensão para a pintura foi sempre de tal forma marcante que nem o percurso privilegiado que teve entre os seus pares – contactando com dois dos maiores arquitectos do século XX – foi suficiente para daí o desviar.

O abandono da Arquitectura

Terá sido por tudo isto que, algures entre 1965 e 1970, Nadir Afonso decidiu abandonar a arquitectura para sempre, libertando-se assim do “(...) martírio”⁵ que, por circunstâncias fortuitas, havia escolhido para si cerca de 30 anos antes, no Porto (1938), dedicando-se desde então a tempo inteiro à pintura e à criação da sua extensa obra plástica e teórica.

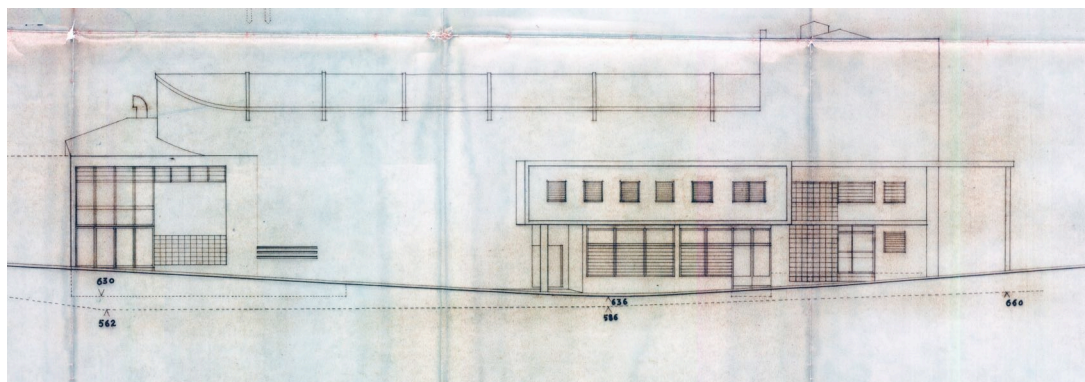


Fig. 11 - Alçado do projecto de Nadir Afonso para o Cineteatro de Chaves (não construído), 1961.

Apesar desta sua veemente posição teórica, que sempre defendeu, em alguns dos seus trabalhos iniciais, especialmente nos projectos para o monumento ao Infante D. Henrique (1954-55) e para a panificadora de Chaves (1962), parece transparecer em

⁴ João Cepeda, *Nadir Afonso, Arquitecto*, Caleidoscópio, Fundação Nadir Afonso, 2013.

⁵ Vladimiro Nunes, “Entrevista: Nadir Afonso A Emoção da Geometria”, *Arquitectura e Vida*, Lisboa, n. 67, 2006, página 35.

Nadir Afonso um certo envolvimento artístico, sobressaindo dos seus desenhos a procura de um forte grau de tensão e acuidade, e de modelações volumétricas mais puras e despojadas, de proporções harmoniosas.

Como tal, nunca tendo manifestado o desejo de evoluir artisticamente na arquitectura, Nadir Afonso ter-se-á, nestes casos, excepcionalmente, distanciado desta posição e encarado todas as “imposições” programáticas não como restrições, mas como referências base que lhe possibilitariam, ainda assim, ir mais longe e buscar um carácter artístico nas suas propostas. “(...) Não quer dizer que não possa haver arquitectos – e talvez eu tenha sido um – que tenham também tentado o equilíbrio dentro das leis (...) [que regem a obra de arte]. Mas não me parece que seja a via normal.”⁶



Fig. 12 - Uma das propostas de Nadir Afonso para a Rua Dr. António José de Almeida em Coimbra (perspectiva), 1961.

Ao longo de todo o seu percurso profissional, Nadir Afonso foi sempre um pintor-arquitecto, mas sempre primeiro pintor e só depois arquitecto, pintor de alma e arquitecto apenas de formação, com a sua vida e obra a serem constantemente marcadas por esta dicotomia de actividades.

⁶ Entrevista de João Cepeda a Nadir Afonso, in João Cepeda, *Nadir Afonso, o Arquitecto* [texto policopiado], Tese de Mestrado, Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2011.

No entanto, o enorme peso que esta faceta de pintor sempre teve na sua vida não parece reflectir-se com idêntica densidade na sua obra arquitectónica, não sendo marcante ao ponto de se poder considerar a “arquitectura de um pintor”. A corrente utilização de cores (normalmente primárias) nos seus edifícios, procurando composições esteticamente equilibradas, e a “liberdade” presente no desenho das coberturas abobadadas das panificadoras – aspectos que podem também ser encarados como algumas das influências modernas que recebeu –, serão, de facto, as únicas situações que parecem apontar para uma intervenção na arquitectura da sua faceta plástica da pintura, não sendo, porém, suficientemente significativas a ponto de permitir identificar, de forma clara, a “mão” do pintor na obra arquitectónica.

Da análise de todo o espólio e obra arquitectónica de Nadir Afonso – que se revela ser bem mais extenso do que o grande público frequentemente pensa –, realça-se, principalmente, a adesão a um léxico de inegável modernidade, ainda que sem o radicalismo e intransigência dos arquitectos com quem trabalhou em França e no Brasil.

Na verdade, o facto de não ter havido uma entrega constante e incondicional de Nadir Afonso à arquitectura, terá conduzido a uma não exploração, ao limite, das suas capacidades como arquitecto, dado que o interesse do pintor, no seu caso, sempre relativamente distanciado da arquitectura, poderá ter inibido o desenvolvimento completo desta vertente.

Contudo, os seus projectos revelam uma modernidade e qualidade assinaláveis que parecem sugerir um empenhamento inicial significativo de Nadir Afonso na arquitectura, mostrando a sua maturidade como arquitecto, permitindo-lhe deixar a sua marca em Chaves e traduzindo aquele que pode ser considerado como o seu traço arquitectónico mais representativo.

Na realidade, os seus projectos mais radicais indiciam claramente a dimensão de grande arquitecto moderno que o pintor Nadir Afonso atingiu e que, caso tivesse existido um interesse e um envolvimento profundo com a arquitectura que pudessem ter conduzido ao pleno aprofundamento da modernidade evidenciada nestes desenhos e, porventura, impedissem o seu abandono tão abrupto da profissão, poderia mesmo ter suplantado.

Bibliografia

Livros:

- Agostinho Santos, *Nadir Afonso Itinerário (Com)Sentido*, Porto, Edições Afrontamento, Fundação Nadir Afonso, 2009.
- Ana Tostões, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto, FAUP publicações, 1997.
- António Quadros Ferreira, *Nadir Afonso – Arte, Estética e Teoria*, Porto, Edições Afrontamento, 2012.
- João Cepeda, *Nadir Afonso, Arquitecto*, Caleidoscópio, Fundação Nadir Afonso, 2013.
- Laura Afonso; Nadir Afonso, *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Venda Nova, Bertrand, 1990.
- Willy Boesiger, *Le Corbusier: Oeuvre Complète 1946-1952*, Zürich, Girsberger, 1955.

Artigos:

- José Manuel Fernandes, “Le Corbusier em Português – a influência de Le Corbusier”, *Arquitectura Portuguesa: Temas Actuais*, Lisboa, Cotovia, 1993, páginas 97-106.
- Michel Toussaint, “Nadir Afonso e a Arquitectura”, *Nadir Afonso Sem Limites* [catálogo da exposição], Lisboa, MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea Museu do Chiado, 2010, páginas 29-38.
- Vladimiro Nunes, “Entrevista: Nadir Afonso A Emoção da Geometria”, *Arquitectura e Vida*, Lisboa, n. 67, 2006, páginas 34-43.

Teses:

- João Cepeda, *Nadir Afonso, o Arquitecto* [texto policopiado]. Tese de Mestrado, Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2011.

Fontes:

- Arquivos Históricos das Câmaras Municipais de Chaves, Vila Real, Bragança, Coimbra, Porto e Lisboa, e do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.
- Arquivos da Escola de Belas Artes do Porto e do Centro de Documentação de Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Arquivo pessoal de Nadir Afonso.
- Entrevistas conduzidas por João Cepeda a Nadir Afonso.

Créditos das imagens

1. e 2.

Fotógrafo: desconhecido

Data: desconhecida

Fonte: Laura Afonso; Nadir Afonso, *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Venda Nova, Bertrand, 1990

3.

Fotógrafo: desconhecido

Data: 1950

Fonte: Laura Afonso; Nadir Afonso, *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Venda Nova, Bertrand, 1990

4.

Fotógrafo: desconhecido

Data: 1947

Fonte: Laura Afonso; Nadir Afonso, *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Venda Nova, Bertrand, 1990

5.

Fotógrafo: desconhecido

Data: 1952

Fonte: Laura Afonso; Nadir Afonso, *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Venda Nova, Bertrand, 1990

6.

Fotógrafo: João Cepeda

Data: 2010

Fonte: Arquivo pessoal de João Cepeda

7.

Fotógrafo: desconhecido

Data: 1954-55

Fonte: Laura Afonso; Nadir Afonso, *Da Vida à Obra de Nadir Afonso*, Venda Nova, Bertrand, 1990

8.

Fotógrafo: João Cepeda

Data: 1960

Fonte: Arquivo pessoal de João Cepeda

9.

Fotógrafo: João Cepeda

Data: 1964

Fonte: Arquivo pessoal de João Cepeda

10.

Fotógrafo: João Cepeda

Data: 1964

Fonte: Arquivo pessoal de Nadir Afonso

11.

Fotógrafo: João Cepeda

Data: 1961

Fonte: Arquivo pessoal de João Cepeda

12.

Fotógrafo: Prof. Eduardo Mascarenhas de Lemos

Data: 1961

Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Eduardo Mascarenhas de Lemos